



Transferência ou cesura?*

*Arnaldo Chuster**, Rio de Janeiro*



* Trabalho apresentado à III Conferência Internacional sobre a obra de W.R.Bion, Los Angeles, Califórnia, 5 a 8 de Fevereiro de 2002.

** Membro da Associação Psicanalítica do Rio de Janeiro (nova sociedade provisória filiada à IPA).

Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002 □ 39





“Rephrasing Freud’s statement for my own convenience – There is much more continuity between autonomically appropriate quanta and the waves of conscious thought and feeling than the impressive caesura of transference and countertransference would have us to believe. So...? Investigate the caesura; not the analyst, not the analysand; not the conscious; not the unconscious; not the sanity, not the insanity. But the caesura, the link, the synapse, the (counter-trans)-ference, the transitive-intransitive mood.”

W.R.Bion, *The Grid and Caesura* (1975), p.57.

Introdução

O objetivo deste trabalho é indagar sobre dois termos, *transferência* e *cesura*, referidos à obra de W.R.Bion. Desenvolvo esta articulação por compreender que, no artigo *Caesura* (1975), Bion condensa suas principais questões sobre a *transferência*. De um modo geral, pretendo discutir que, nas idéias desenvolvidas no artigo, em que também estão condensadas as concepções finais de Bion sobre a psicanálise¹, os termos se superpõem e, por razões que pretendo também discutir, existe uma abertura de pensamento que permite substituir, sempre que necessário, o primeiro termo, amplamente conhecido, pelo segundo, menos saturado de significados e essencialmente *crítico*.

O que é transferência em Bion?

Em mais de uma ocasião, Bion referiu-se às palavras através da metáfora das moedas. Com o tempo e o uso, desgastam-se e degradam-se, originando equívocos diversos.

Na psicanálise, ainda que faça parte essencial do processo analítico cuidar de tal problema, algumas palavras, em curto espaço de tempo, sofreram este destino inevitável. Penso que *transferência* é uma delas, apesar de ser a principal teoria e instrumento psicanalíticos. Além de transportada – transferida – para o discurso co-

1. Nos artigos subseqüentes, Bion prosseguiu desdobrando em novas facetas o termo que o inspirou na citação de Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1923): “*Há muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar*”. Deste modo, os artigos *On a quotation from Freud* (1976), *Evidence* (1976), *Emotional Turbulence* (1977), *Making the best of a bad job* (1979), tratam da questão.





num, foi feito o possível para banalizá-la, ignorando-se assim as advertências de Freud: “*Não nos surpreendemos suficientemente com a transferência*” (1914). Do início ao fim de sua obra, Freud mantém, em relação ao fenômeno, esta mesma posição de perplexidade e, em *Um Esboço da Psicanálise* (1938), ele diz: “*É muito estranho que o analisando reencarne em seu analista um personagem do passado*”.

Podemos então concluir que, para Freud, a transferência foi constantemente uma questão de *surpresa* e, no começo de sua obra, até mesmo de má surpresa (chegou a descrevê-la para o pastor Pfister como a “cruz” do analista). Todavia, para o analista de hoje, ela é um fenômeno esperado, sua inquietação ou mal-estar se refere muito mais ao julgamento de que a transferência não está sendo visível. Por este motivo, surgiram algumas concepções de psicanálise tratando de “extraí-la” (como se faltasse), com o analista precipitando-se em atribuir a si um personagem do passado do analisando que necessariamente não estava sendo reencarnado. Isto resultou em diversas falhas terapêuticas.

Em Bion veremos que o conceito de transferência resgata essencialmente a reencarnação de um “estranho” (portanto, a surpresa) que, antes de ser um “personagem” interceptado pela linguagem do vínculo, é algo incognoscível, infável, e que denomina de “O” (1965). São os efeitos deste *movimento incognoscível*, a evolução de “O”, que caracterizam a transferência, descrita então pelas diversas *teorias psicanalíticas*. Mas, a rigor, nenhuma teoria consegue relatá-la, a transferência não é algo que se pode escrever ou traduzir como um texto, prova disto é a insuficiência constante de todo relato de análise, qualquer que seja sua forma. Na verdade, transmitir de fato o que constitui uma análise ainda está para ser inventado.

Desenvolvimento dos conceitos

Em *Elementos da Psicanálise* (1963), há uma frase de Bion que entendo bem se aplicar ao desenvolvimento dos conceitos: “*Eu sei que o argumento é circular. Fico na dependência do diâmetro do círculo*”. Sendo o argumento a transferência, acompanharemos o aumento do diâmetro, na medida em que a obra se desenvolve.

Bion, ao escrever seu primeiro trabalho em psicanálise, já utiliza uma das mais significativas idéias de Freud sobre o elemento *surpresa* na transferência: o *duplo*. Ainda que, no *Gêmeo Imaginário* (1950), não cite na bibliografia o conhecido trabalho de Freud, *O estranho* (1919), as idéias são coincidentes. O *Gêmeo Imaginário* é um “*duplo*” na mais plena acepção freudiana: o que emerge com *surpresa*, causando estranheza ou medo.

Na década de 50, investigando a problemática dos pacientes psicóticos, Bion





Arnaldo Chuster

descreve um tipo peculiar de transferência – caracteristicamente precipitada e frágil (portanto, sempre surpreendente) – associada com elementos de ódio à realidade interna e externa, ódio ao aparelho mental capaz de fazer contato com elas, predomínio de impulsos destrutivos a ponto de dominarem os amorosos transformando-os em sadismo e terror constante de aniquilamento iminente. Surge o trabalho sobre a *parte psicótica da personalidade* e seu contraste com a *parte não psicótica*.

Prosseguindo nesta linha, em *Sobre Arrogância* (1958), o estranho é apresentado no mito edípico através dos personagens que lutam contra o “surpreendente e fugidio” conhecimento da verdade. É possível pensar, a partir deste trabalho, na transferência como um movimento simultâneo de busca e recusa do conhecimento de uma *verdade inalcançável*, portanto, um movimento que possui uma *ética trágica*, cuja única saída é *criar*. Como na mente apenas os pensamentos são o que se pode criar o tempo todo, *Uma Teoria do Pensar* (1960) segue naturalmente esta ética e indica a possibilidade de se conceber o fenômeno inconsciente como essencialmente o resultado criativo de um vínculo.

Neste ponto, entendo que Bion toma um caminho que vai buscar uma terceira alternativa às duas concepções de transferência vividas por ele nas experiências de análise com Rickman (freudiana) e Klein. A tentativa de sistematização desta alternativa própria encontra-se na *Grade*, para onde convergem gradualmente, nas versões que evoluem, os resultados dos desdobramentos teórico-práticos posteriores a *Uma teoria do Pensar*, ou seja, os textos *Aprender da Experiência* (1962), *Elementos da Psicanálise* (1963), *Transformações* (1965) e *Notas sobre Memória e Desejo* (1967).

A *Grade* concebe um *campo analítico*, englobando simultaneamente em seus eixos as concepções freudianas e kleinianas de transferência, e inclui a nova concepção desenvolvida por Bion, que implica num “terceiro” que é o *fato selecionado*² captado pela *função psicanalítica da personalidade* e do qual depende a oscilação das posições esquizo-paranóide e depressiva (EP↔D).

O vértice desenvolvido pela *Grade* amplia a teoria do Pensar e prossegue enfatizando que, na transferência, os mais heterogêneos componentes podem concorrer para a evolução (positiva ou negativa) de uma análise. A *subjetividade* não é criada apenas na *psicogênese* (eixo vertical) – que se inicia em níveis pré-natais e vai realizar-se nas experiências que se sucedem, a partir do seio, até alcançar os sistemas dedutivos científicos e as mais sofisticadas abstrações de pensamento –, mas simultaneamente no *uso* (eixo horizontal), onde temos a seqüência: hipótese definitiva,

2. O fato selecionado, teoria proveniente do pensamento de Poincaré, deixa implícita a instabilidade do sistema mental, questionando qualquer idéia de dualidade presente nas teorias anteriores e gerando questões epistemológicas que foram desenvolvidas nos textos da década de 60. Sua elaboração final pode ser encontrada em *Attention and Interpretation* (1970).





defesa contra o desconhecido na interface mentira/verdade, notação, atenção, indagação e a variabilidade infinita das ações. No seu conjunto, a Grade fornece uma dimensão social-histórica e lingüística do processo analítico, confrontando um eixo predominantemente sintagmático (vertical), diacrônico, com um eixo predominantemente paradigmático (horizontal), sincrônico. Este desenvolvimento atende a uma prática que produziu em Bion uma busca da ampliação de sua noção de Inconsciente.

No capítulo 6 de “*Aprender da Experiência*” (1962), Bion explicita as razões teórico-práticas desta necessidade de ampliação: “...os fenômenos presentes na análise não se identificam com a descrição de Freud da personalidade que atua, durante a fase de domínio do princípio do prazer, para se livrar dos acréscimos de estímulos. Aquela personalidade é, dentro de certos limites, normal; a que descrevo é bastante anormal. A atividade que se manifesta, sob a dominância do princípio do prazer, para livrar a personalidade dos acréscimos de estímulos, se substitui, na fase de predominância do princípio da realidade, pela evacuação dos elementos beta indesejáveis. Um sorriso ou uma afirmação verbal se interpreta como um movimento de evacuação e não como uma comunicação de sentimento”.

Por outro lado, o que se define como “evacuação”, derivada da existência em todo indivíduo de uma personalidade “anormal”, implica em relações com o espaço e o tempo que necessitam ser investigadas por um novo vértice. Isto resultou, em termos práticos, pensar em uma *Teoria das Transformações* como a principal diretriz desta investigação.

Nela, Bion continua a repensar os conceitos de corporeidade existencial³ e busca sair dos impasses repetitivos das estruturas que não estão preparadas para acolher o paciente cujo sorriso não é sorriso, ou que não aprende com a experiência dos sentimentos, ou que sente dor, mas não a sofre, ou que, ao invés de transmitir significado em seus gestos e palavras, transmite objetos inanimados e objetos bizarros.

Transferência e transformações

A teoria das transformações, embora considerada por muitos bastante complexa, introduz um novo discurso que irá modificar sensivelmente a re-especificação de Bion da posição perante a transferência e, conseqüentemente, da noção de tratamento. No texto, qualquer vestígio de dicotomia e estruturação cede lugar a uma forma

3. Meltzer(1983): “...psychoanalysis discovers that a body exist, which thinks. This body which imposes its powerful soma-psychotic experiences, with their emotional spectrum ranging from in-love-ness and terror, becomes separated from the mind (we are more accustomed to notice) in daily life and in analysis, perhaps at the ‘caesura’ of birth”.





inédita de conceber a transferência através dos conceitos de *mudança catastrófica*, *transformações em K*, *transformações em moção rígida*, *transformações projetivas*, *transformações em alucinose* e, finalmente, as “*transformações em O*”. Elas são referidas às transformações que ocorrem com e entre analista e analisando, caracterizadas pelos sinais $Ta\alpha$, $Ta\beta$, $Tp\alpha$, e $Tp\beta$ ⁴.

Neste texto, Bion se dispõe a desenvolver um *método crítico* da abordagem psicanalítica, advertindo que não há intenção de criar com isto novas teorias. Entretanto, esta é uma proposição ambígua, pois, no desenvolvimento do método crítico, podemos reconhecer a formulação de uma visão teórica particular da principal teoria psicanalítica: a *transferência*.

A descrição dos tipos de transformação parte de uma metáfora espacial tirada do pensamento kleiniano, “*a distância em que um objeto é projetado pela intensidade da identificação projetiva*”. Deste modo, de acordo com a intensidade da identificação projetiva, temos graus distintos e crescentes de distorção perceptiva do objeto, na seqüência: *transformações em K*⁵, *transformações em moção rígida*, *transformações projetivas*, *transformações em alucinose*. Entretanto, uma série de consultas feitas por Bion ao pensamento científico amplia e transcende o pensamento kleiniano, esboçando um caminho próprio, que podemos chamar de *metapsicologia do “O”*.

A *transformação em O*⁶ distingue-se das demais, à medida que sua ação não ocorre mais no campo do Saber, mas do “*tornar-se*”. Ocorre em outro sistema que não envolve distorção. Ela é a transformação em que o significado adquirido realiza a existência da “*verdade*” do sujeito. O sujeito torna-se significado ao invés de saber acerca de si mesmo.

Na teoria das transformações, devemos mencionar a questão da temporalidade, essencialmente complementar ao parâmetro espacial utilizado na teoria. Na *transformação em O*, a temporalidade é muito próxima da que existe no inconsciente: o sujeito aproxima-se de ser aquilo que sempre deveria ter sido. Um pensamento sem pensador está em questão. A concepção de vida aventura-se no infinito, sempre indi-

4. $Ta\alpha$ - transformações do analista que produzem uma interpretação; $Ta\beta$ - a interpretação; $Tp\alpha$ - no ciclo de transformações do paciente, aquilo que pode ser processo onírico; $Tp\beta$ - um sonho ou o discurso do paciente na sessão.

5. K – sede de saber. O vínculo do conhecimento.

6. O conceito de “O” é central na obra de Bion a partir de *Transformações* (1965). Trata-se de um ideograma concebido para atender a exigência epistemológica conseqüente ao uso de um conceito vazio, insaturado de significados, aberto à experiência, com o qual indica o limite constitutivo do desafio próprio da psicanálise: o inconsciente tomado como conceito quântico através da infinitude indicada pelos termos verdade, verdade absoluta, realidade última, que são objetivos de busca científica. Representa em termos kantianos o campo numênico, posteriormente também referenciado como pensamento sem pensador. A letra pode referir-se à noção de origem, desde que o princípio ético-estético de observação seja o da indecidibilidade da origem.





cando recursos emocionais para deixar para trás o que foi conquistado. O significado do mundo é criado, mas a imaginação é que cuida dos fatos. A direção é sempre o ser, *tempo não-linear*.

A *transformação em K* refere-se aos processos de conhecimento em geral, pensamentos que foram pensados por um pensador em algum momento da história. Qualquer saber instala uma cisão temporal: um antes e um depois do saber. O tempo do saber desdobra o presente em duas direções heterogêneas das quais uma se lança no futuro e outra cai no passado. Trata-se de uma *temporalidade referencial*, o que confere um grau de falsificação da verdade e negação da incompletude de todo conhecimento. O tempo pode ser usado como sinônimo de saber.

A *transformação em moção rígida* corresponde à definição original de Freud sobre a transferência: idéias, sentimentos, emoções, são transferidos à pessoa do analista. Mas podemos dizer que corresponde também a um predomínio, na mente, de um sentimento de nostalgia, decorrente de uma perda real ou imaginária de um objeto. O passado torna-se, assim, uma presença constante e tende a substituir o presente como uma irremediável ausência. Uma *temporalidade circular* resulta do movimento que ocorre entre um “ser-móvel” e um “ser-ausente”.

A *transformação projetiva* corresponde à definição original de Melanie Klein para a fantasia inconsciente. A dificuldade para se usar a linguagem adequada resulta na visão de um mundo dominado por forças tirânicas e incontrolláveis. O meio de atuação pode ser o da linguagem inadequada, como o meio corporal onde se encontra a gama variada das somatizações e doenças chamadas de psicossomáticas. A lógica do tempo é oscilatória, *tempo oscilatório*, cada ação tem uma reação igual e contrária, mas não são perceptíveis de forma direta. É comparável a uma infiltração de água numa parede, não sabemos onde começou, mas sabemos que a água não devia estar correndo por ali. Todavia, em alguns indivíduos, a “infiltração” aparece como expressões artísticas.

A *transformação em alucinação* mostra como é próprio da duração do tempo que seu todo não seja captável. Para alguns a experiência estética desta impossibilidade não é tolerada. Em conseqüência fragmenta-se o todo, desfazendo-se a integração dos vínculos da experiência emocional, o que produz o sentimento de *atemporalidade*, não no sentido da inexistência do tempo, mas do estado confusional, no qual passado, presente e futuro são misturados e acompanhados do sentimento de verdade. As transformações em alucinação promovem a predominância do princípio do prazer e o excesso de sensorialidade (através da estimulação, no analista, de memória e desejo, incluindo o desejo de dormir), através de uma posição predominante de valores que favorecem a atuação e desconsideram as conseqüências. Muitos pacientes travam verdadeiras guerras para provar a superioridade de *transformações em*



Arnaldo Chuster

alucínose sobre transformações em O, como veremos mais adiante nos problemas inescapáveis e inerentes ao trajeto do psiquismo humano representado pelo mito edípico.

Na realidade, todas as transformações descritas fazem parte da movimentação dos personagens do mito edípico. Enquanto mito, ele fornece uma versão abreviada das teorias psicanalíticas importantes para auxiliar o analista a perceber o crescimento e fornecer interpretações que iluminem aqueles aspectos dos problemas do analisando que se referem ao crescimento.

Devemos usar o termo cesura ao invés do termo transferência?

“The caesura is the important thing, that is the source of the thinking”

Se transferência é *surpresa*, ou todo e qualquer fenômeno que emerge com esta *qualidade emocional* no vínculo analítico (e afeta a ambos os participantes), podemos dizer que, apesar da *repetição* (caracterizando, de acordo com Freud e Klein, o fenômeno da transferência), o que importa para Bion é *o novo e o desconhecido* que podem emergir (além do que não existe repetição de idêntico; algo sempre se modifica). Esta posição está muito claramente estabelecida em *Notes on Memory and Desire* (1967) and *Attention and Interpretation* (1970).

O termo “*caesura*”, usado por Bion, resgata para o trabalho analítico essa qualidade de fenômeno surpreendente. Assim, quando ele nos remete à citação de Freud – *existe muito mais continuidade entre a vida intrauterina e a primeira infância do que a impressionante cesura do nascimento nos permite acreditar* – reintroduz o vigor contido nos significados de meio gerador e criação, ligação e trânsito, nascimento e morte, trânsito oculto e explícito, cegueira e percepção do inesperado, mas, seja em qualquer momento e em qualquer lugar, trata-se daquilo que emerge com o movimento de surpresa.

Diante de tantos significados (desenvolvidos previamente pelas idéias de relação continente-conteúdo, fato selecionado, pré-concepção buscando uma realização para transformar-se em concepção, relação entre a não-coisa e a coisa, entre o não-eu e o eu), o analista necessita ter cautela, ou, usando a expressão que Bion tomou emprestado do poeta Keats, necessita ter *capacidade negativa* (a capacidade de tolerar as incertezas, as meias verdades, os mistérios, sem uma tentativa ansiosa para atingir o fato e entendê-lo). É este o estado mental do analista (equivalente ao estado sem memória, desejo e necessidade de compreensão) que pode interagir com a transferência.

Em outras palavras, quando se espera a transferência, quando se deseja encon-





trá-la, ela não aparece – o que aparece em seu lugar é o que podemos chamar de transferido, ou o conteúdo através do qual se pode acreditar que interpretações transferenciais são possíveis simplesmente seguindo de forma mecânica o fluxo associativo, como se a sonoridade ou a lógica comum pudessem dar conta desta ruptura (ou cesura) que sempre aparece. O transferido (ou o conteúdo) constitui parte do trânsito, mas não é o que produz o trânsito. Faz parte da transferência, mas não é a transferência em si.

Pelo vértice do efeito das interpretações, não se altera o Ser do vínculo pelo que é transferido, altera-se o Ser pelos elementos que produzem o trânsito. Ou seja, alterando-se o continente, ampliando-se o espaço mental, problematizando⁷. Assim, o movimento da transferência não ocorre sem *mudança de um estado mental para outro* – é a *coisa em si que se movimenta* o que constitui a transferência⁸. Portanto, em Bion a análise acaba falando sempre a linguagem da *experiência emocional* (as paixões sempre voltam à superfície), confirmando a idéia original de Freud: a transferência é aquilo que exprime o “essencial”.

Por outro vértice, o princípio conceitual da experiência emocional (o triângulo K,L,H), atende à idéia de *campo analítico* e pretende deixar claro que a transferência é apenas um *limite* passível de determinação, pois seus efeitos se dão no âmbito de um sujeito indeterminístico, seja com relação a um passado indecível ou em relação a um futuro que ainda não aconteceu. Assim, temos uma complexidade englobando as observações analíticas.

O modelo indeterminista de Bion, ressaltando a *transitoriedade* do fenômeno analítico, pode ser confrontado com as modernas teorias da instabilidade e do caos. Esse modelo confere um significado fundamental ao princípio da flecha do tempo, sem a qual somos incapazes de compreender os dois princípios característicos da natureza que estão presentes na mente humana: sua unidade e sua diversidade. A flecha do tempo, comum a todas as partes do universo, é testemunha dessa unidade. Quanto à diversidade, ela é testemunhada pela presença de objetos produzidos por processos irreversíveis de não-equilíbrio (onde existe vida existe entropia e, portanto, processos irreversíveis).

7. Isto também significa ampliar a capacidade da função-alfa, modificando as repetições originárias do padrão que começou com a rêverie materna. Para o analista, significa sempre que *La réponse est le malheur de la question*.

8. Portanto, para captar seu valor de surpresa, não podemos ter, como mostrou Bion (1967), desejo, nem memória ou necessidade de compreensão, nem interferências sensoriais. A análise só é operante se o analista consegue desfazer-se de si.





O modelo espectral cesura/turbulência emocional como condição de observação da transferência

A psicanálise parte da *observação* apurada de fatos visando a acolher, como enfatizamos, o emergir do elemento *surpreendente* e *desconhecido*. Esta observação não sendo ao acaso, mas planejada para um determinado espaço, necessita de determinados *princípios* que a sustentem. Nomeei-os em trabalho prévio (Chuster, 2000) de *princípios ético-estéticos de observação*, pois, na psicanálise, assim como em toda observação científica, é necessário possuir uma ética de observação que se reflita na criação da linguagem interpretativa.

Um dos objetivos do conceito de cesura é estabelecer uma *crítica* colocando dúvidas sobre o direito simplista de extrapolar conhecimentos, pois essa tendência pode paralisar o pensamento criativo e a capacidade de observação. Um exemplo significativo, para ilustrar a questão, é o da geometria euclidiana e seus cinco postulados. O mais famoso é o das duas paralelas que jamais podem se encontrar. Ninguém sonhava em contestá-lo. Mas chegou um dia em que alguns matemáticos mostraram que era possível construir outras geometrias, as não-euclidianas, que se revelaram muito ricas e criaram o conceito de certos “espaços” num outro estilo, o que permitiu a teoria da relatividade de Einstein. Sem a colocação de uma cesura, jamais teria sido possível essa descoberta. Nesse sentido, o conceito de cesura questiona os modos habituais de pensar, as lógicas estabelecidas, permitindo direcionar o pensamento no rumo de novas possibilidades lógicas. É esse o sentido que interessa à psicanálise, posto que seu fenômeno central se refere a uma lógica desantropomórfica, que expõe uma realidade que não segue os parâmetros biológicos de começo, meio e fim, nem os conceitos de espacialidade, ou seja, *a realidade do inconsciente*.

Na última fase da obra de Bion, a observação desta realidade “essencial” é apresentada sempre pela faceta da “*turbulência emocional*” com contornos bem precisos e significativos. Podemos abordá-la a partir de uma questão principal. Trata-se da percepção e do acolhimento da turbulência emocional implícita em cada sessão analítica e das condições que permitem transitá-la no vínculo analítico. O tema obviamente não é novo, mas consiste numa abordagem pessoal, uma forma singular de apresentar a transferência como um fenômeno *on transience* que *remete sempre a uma cesura*.

O termo “*transience*” nos recorda o artigo *Verganglichkeit* de Freud (1916) e ressalta a natureza intrinsecamente *transitória* da psicanálise enquanto um processo. Sem apreciar esta característica não há como usufruir o processo, não há como procurar *making the best of a bad job*. Em outras palavras, a *temporalidade* está presente de várias maneiras no processo analítico. Para começar, é fundamental que, como





psicanalistas, observemos que os seres humanos e a condição humana são constitutivamente temporais, isto é, *históricos*. Isto significa que as nossas capacidades e aquilo que somos se definem no desenvolvimento da história. Portanto, não podemos conhecer o ser humano e a condição humana se não o compreendermos e o interpretarmos a partir das determinações que são adquiridas e criadas no curso da história. A história analítica se constrói e com ela são gerados instrumentos que a própria relação deve utilizar para se expandir. São o que Bion chamou de *private myths*.

Além disso, na análise, como na vida, podemos e somos obrigados a falar de um *tempo objetivo* em geral. A sessão começa em tal hora, termina em determinada hora, tantas vezes por semana, durante x meses e y anos. O analista, bem como os analisandos tiram férias, falam das estações do ano, de feriados, discutem as interrupções inerentes a todas as instâncias sociais, falam de atraso, de chegar antecipado, de atos falhos e de atos sintomáticos que nos levam a trocar o horário das sessões, etc. Mas estas discussões não se restringem à mera formalidade de um acordo entre partes. Os analisandos podem entender o mais formal dos acordos com um sentido distinto do senso comum. E isto não será percebido, a menos que o analista coloque em ato uma outra dimensão da mente que nada tem com o senso comum ou o tempo em geral. Aqui devemos notar que, em sua subjetividade, há várias espécies de tempo – ou vários sentidos deste termo –, como procuramos mostrar na descrição das transformações.

O modelo espectral turbulência emocional/caesura e a imaginação produtora

Como já foi dito acima, o uso de uma teoria das transformações sugere um vértice nosográfico psicanalítico não-convencional e não-psiquiátrico⁹, que Bion desdobrou nos artigos subseqüentes. Este vértice permite a conjectura imaginativa que visualiza toda população como um espectro que abrange, em um dos pólos, uma parcela de indivíduos inalisáveis e infra-analisáveis (que dificilmente conseguem estabelecer um processo analítico) e, num pólo oposto, uma fração muito mais restrita de indivíduos ultra-analisáveis, isto é, que teriam feito sua análise, qualquer que fosse o analista e a técnica utilizada. Um destes indivíduos é, sem dúvida, Freud. Por outro lado, é evidente que a prática analítica não concerne absolutamente a estes

9. Interesse-me aqui também pela possibilidade de pensar numa nosografia puramente psicanalítica, sem laços psiquiátricos. Talvez possamos encontrá-la na concepção da análise como um espectro das transformações descritas por Bion (1965). Tenho em mente ainda o diálogo entre P.A. e Robin em *Memoir of the Future, II – Past Presented*, pgs. 125 e 126, que podemos resumir da seguinte forma: as concepções psiquiátricas concebem uma pessoa cindida. A divisão é útil para propósitos da fala articulada, mas obscurece a coisa que transcende as fronteiras da gramática.





extremos, mas à grande maioria dos casos em que o resultado depende de modo decisivo da qualidade da experiência do analista, de sua formação, etc. É sobre esta maioria que o enfoque e a responsabilidade dos analistas e suas instituições têm-se empenhado.

Todavia, cabe aqui a pergunta: o que podemos fazer para ampliar as possibilidades da fração inanalísável ou infra-analisável do espectro?

Consideremos agora, por um momento, que dentro de qualquer indivíduo existem todas as graduações do espectro mencionado. Que recursos existem na psicanálise atual que podem influenciar a qualidade da análise e do analista na abordagem deste espectro? Haveria, no extremo dos ultra-analisáveis, elementos que poderíamos utilizar com os infra-analisáveis?

Penso que, mais uma vez, esta flexibilidade pode ser obtida a partir de Freud, que, sendo um exemplo de indivíduo ultra-analisável, sabia levar isto para seu trabalho e aproveitar ao máximo o que o momento podia lhe dar, isto é, ir ao “ponto chave”, o ponto que em Bion está descrito pelo modelo da cesura/ turbulência emocional.

Para ilustrar esta tese, refiro-me inicialmente ao encontro analítico de Freud com o compositor Gustav Mahler (1910). Antecederam-no uma série de eventos trágicos. Em 1907, as duas filhas do compositor tiveram difteria, vindo a mais velha a falecer. No auge da comoção familiar, um médico foi chamado para examinar a sra. Mahler, que parecia estar desenvolvendo um problema cardíaco. Mahler recebeu-o de forma irônica, perguntando se este não queria também examiná-lo. O clínico atendeu ao pedido e constatou que o compositor sofria de um grave problema cardíaco. Logo depois um especialista em Viena confirmava a seriedade da situação.

O casal deixa então a casa de verão em Maierning e passa o resto da estação no Tirol. Nestas paragens, durante longas e solitárias caminhadas, Mahler vai esboçando as canções que no ano seguinte tomariam a forma definitiva de *Das Lied von der Erde* (*A Canção da Terra*). Nelas consegue expressar toda sua aflição e angústia. Ele tornara-se apenas um observador distante do que chamou “o incompreensível e incessante feérico fluir da vida”. Ao mesmo tempo, começou a esboçar uma 9ª sinfonia. Todavia, o ato criativo aterrorizava-o. Mahler não conseguia parar de pensar que Beethoven, Schubert e Bruckner, que tinha como seus mestres, morreram quando chegaram ao número 9 de suas obras. O número tinha um caráter fatal, a marca de um destino trágico. Mahler sabia que sua cardiopatia era grave e que não ia viver muito tempo; começar uma 9ª significava abreviar mais ainda sua vida, cujo sentido se ligava à causa da música. No acorde para driblar a morte, Mahler decreta que *Das Lied von der Erde*, já pronta, é a 9ª e então autoriza-se a compor a 10ª. Na ocasião comenta com a esposa “*agora o perigo passou*”. Entretanto, Mahler nem mesmo





chegou a viver para ver interpretada sua “9ª” e só terminou alguns movimentos da 10ª.

Hoje em dia, graças à psicanálise, podemos opinar que a superstição numérica provinha da rivalidade edípica de Mahler com os antigos e idealizados “mestres”. O desejo de obter a mesma “grandeza” dos “pais” de sua música também implicava secretamente em rebaixá-los. Culpa e medo de represália dos fantasmas estavam presentes. Mahler resvalou então para o lugar do que não pode desejar, do servidor-escravo da música, e se interdita para aplacar o destino, isto é, os pais ocultos. Conseqüentemente, interditou-se sexualmente na relação com a esposa, aquela que a realidade trágica fazia coincidir com a mãe lesada em seus objetos internos. Foi em virtude deste deslizamento do conflito para a esfera sexual e amorosa, que Mahler decide tardiamente procurar Freud (que aceitou atendê-lo quando estava de férias em Leyden, Holanda).

A experiência analítica teve a duração de *uma tarde*. Sobre ela Freud escreveu a Theodor Reik (1935):

“... e se tenho de acreditar em certas evidências, é muito que consegui na ocasião. Pareceu-lhe necessário vir me consultar, pois sua esposa se revoltara contra o fato de que sua libido dela se afastara. Incursões interessantes na história de sua vida nos permitiram descobrir sua condição amorosa pessoal, especialmente sua fixação materna. Tive oportunidade de admirar a capacidade de compreensão psicológica que tinha este homem genial. Nenhuma luz esclareceu então a fachada sintomatológica de sua neurose obsessiva. Foi como se houvesse cavado uma única e profunda fenda num edifício misterioso”.

Sobre a carta de Freud, Reik reflete: *“...situações e circunstâncias extraordinárias, assim como personalidades extraordinárias, exigem medidas extraordinárias”.*

Mas não seriam de alguma forma “extraordinárias” todas as pessoas que nos procuram para uma análise?

Penso que essa pergunta só adquire algum sentido no universo da turbulência emocional e da complexidade inerente à mente humana. É nesse universo que as pessoas se tornam extraordinárias. Afirmção que permite ampliar um pouco a interpretação anterior e acrescentar que Mahler, alguns anos antes, no 3º movimento de sua 2ª sinfonia, já tentava expressar a complexidade dos sentimentos que no final da vida pareceriam derivados única e exclusivamente da experiência trágica: *“Como os movimentos de dançarinos num salão de baile iluminado que são vistos de fora, do*





Arnaldo Chuster

seio da escuridão, a uma distância que torna a música inaudível... então a vida pode lhe parecer sem sentido”.

Apesar da tragédia, das perspectivas sombrias do prognóstico médico, a turbulência emocional nunca deixou de estar presente e conectada ao processo criativo, cuja origem remonta a muitos anos antes, talvez até intra-uterinamente. Podemos chamar isto de *memória do futuro*¹⁰, que, metaforicamente falando, corresponderia a uma espécie de “caldeirão” de “memórias” incompletas (ou não-saturadas), memórias de sonho e, principalmente, pré-concepções. Estas, em seu conjunto, constituíram a matriz de pensamento que gerou *A Canção da Terra*.

No episódio podemos ver que Freud não se deixou intimidar por toda a tragédia explícita e sua coragem científica lhe permitiu voltar-se para a cesura da tragédia implícita. Apesar de todas as circunstâncias adversas, a *complexidade* da vida psíquica continuava sendo para ele objeto de investigação e respeitosa admiração.

Na física quântica, a questão da turbulência/complexidade é da mesma forma altamente significativa. Conta-se que Werner Heisenberg, no seu leito de morte, declarou que teria duas questões para Deus: “*Por que Relatividade e por que turbulência?*” E prosseguiu: “*Eu sinceramente acredito que ele deva ter uma resposta para a primeira questão...*”.

Apesar de Heisenberg referir-se obviamente à turbulência na física, os pontos em comum com a psíquica são por demais extensos e abrangentes. Afinal, tanto na física como na psicanálise, estamos lidando com *sistemas transientes*, isto é, *sistemas instáveis*, que conseqüentemente só podem existir com três ou mais dimensões¹¹.

Em outras palavras, onde temos turbulência/cesura é como se defrontar com um *limite*, é a instabilidade em ação, significando também que aparece um vazio. É expressão do movimento ao acaso, testemunha da tendência para o caos. Todas as regras são questionáveis e podem ser quebradas. Como se pode analisar alguém no âmago desta experiência? Muito provavelmente não teremos tão cedo a resposta, pois o campo é do incognoscível. Entretanto, podemos considerar que, apesar de toda esta complexidade de seu objeto, a psicanálise pode ajudar enormemente as pessoas a libertarem suas palavras e sua capacidade de tomar decisões e com isto ajudar a libertar a *imaginação*, expandindo a capacidade mental. Cabe assim, ao psicanalista, fazer uso de *imaginação produtora*, do mesmo modo que qualquer cientista diante do

10. “*Eu posso imaginar que existem idéias que não podem expressar-se mais vigorosamente porque estão enterradas no passado que está esquecido, ou enterradas no futuro que ainda não aconteceu, e que mal podemos dizer pertencerem àquilo que chamamos de pensamento*” (Bion, W.R., Cesura, *Rev. Bras. Psicanal.* 15:123,1981).

11. Isto significa que os sistemas duais são sistemas idealizados, não correspondem às realidades da natureza, tal como mostrou Poincaré com a noção de fato selecionado.





objeto de sua investigação, e desta forma cruzar as cesuras que possibilitem o nascimento de significados, idéias, pensamentos, sentimentos, mudanças.

Material clínico

Caso 1

No mês de dezembro, com a proximidade do Natal, o cair da tarde no Rio de Janeiro é marcado por grandes retenções de trânsito. Na região próxima ao meu consultório em Ipanema, conhecida como Lagoa Rodrigo de Freitas, as retenções são ainda maiores, por conta dos motoristas curiosos que reduzem a velocidade de seus carros para apreciar a maior árvore de Natal do mundo, lindamente iluminada e instalada no meio do espelho d'água.

O paciente de 42 anos, a quem chamarei de W., não ignora a existência deste obstáculo em seu caminho. Se não providenciar para sair de seu trabalho antes da hora habitual, certamente se atrasará para a sessão nesta época do ano. Além disso, é também de seu conhecimento, adquirido na análise, que ele sempre deixa as coisas para serem feitas em cima da hora, tornando-as uma desagradável fonte de ansiedade. E foi esta repetição que a princípio começou a transitar entre nós, tal como me fez saber por meio de seu telefone celular. Ele acaba chegando próximo aos 20 minutos de atraso. Entra em meu consultório aparentando um misto de esbaforido e assustado. Traz nas mãos uma peça de metal e, logo que se acomoda no divã, começa a falar sobre ela.

O paciente procurou análise após o fracasso de seu terceiro casamento oficial. Suas dificuldades emocionais logo ficaram associadas com dificuldades de desenvolvimento no trabalho; projetos fracassaram, quase levando sua empresa à falência. Anteriormente, e no intervalo entre os casamentos, todas as suas relações afetivas fracassaram. Mas o que se mostrou para minha observação foi uma pessoa que tinha explicações para todos os fracassos e todas elas apontavam para responsabilizar a outra pessoa, nunca para ele, embora se mostrasse intelectualmente disposto a aceitar a teoria de que tinha alguma participação importante nestes rompimentos.

W. possui uma pequena indústria de aparelhos de precisão em tecnologia naval, por isto me explica que aquela peça em suas mãos, que vinha desenvolvendo para um novo sistema de navegação por satélite, apresentara um defeito que nenhum dos engenheiros conseguira entender. Mas, quando ele estava no meio do trânsito, parado, ansioso com o atraso, “*sendo obrigado a olhar para aquela árvore de Natal horrível que o estava atrapalhando*”, procurou “*sair fora de si*” e então, subitamente,



Arnaldo Chuster

entendeu o defeito da peça e começa a me explicar, vaidoso, as alterações da tecnologia que teria que fazer. Mas eu o interrompo e indago se teríamos também que fracassar falando sobre coisas que vão nos atrasar a entender o que se passa ali, ou se poderíamos pensar que ele acertou em descobrir o defeito, porque pode olhar para a árvore e não porque a evitou. Do mesmo modo, as coisas talvez estivessem dando certo pelo fato de ter podido olhar para si. Sinto que ele fica surpreso e contrariado com minha interpretação, permanecendo em silêncio por alguns momentos. Então, acenando afirmativamente com a cabeça, queixa-se que tinha passado uma noite difícil por causa daquela peça. Ficara num estado intermediário entre o sono e o acordar. Diz que muitas vezes se mantém neste estado peculiar e angustiante quando está preocupado e é muito difícil para ele descrever o que se passa. Digo que o “peculiar” poderia ser a demora para encontrar alguém ou alguma coisa, incluindo a mim naquele momento, que pudesse solucionar seus problemas, o que faz com que ele fique acompanhado destas sensações difíceis de descrever. São sensações térmicas, diz ele, como “*água fria correndo pela espinha*”, “*um calafrio escuro por baixo da pele*”.

A mãe de W. sofreu um aneurisma cerebral durante o quinto mês de gravidez. Permaneceu em coma profundo por dois meses numa UTI e recobrou a consciência aparentemente sem seqüelas. O parto foi prematuro, logo em seguida a sua alta hospitalar, três meses após o ocorrido. Ela não conseguiu amamentar o filho, alegando estar muito debilitada. Tudo indica que culpou a gravidez pelo acontecido com ela. Eu acrescentei, nesta oportunidade, as palavras “mãe fria e distante na escuridão”. O que W. pode fazer quando se confronta sozinho com “*o incompreensível e incessante feérico fluir da vida?*” Em muitos momentos, o movimento que ele faz aproxima-o destes objetos “em coma”, sua reação a isto produz os fracassos e a solidão. Mas, por outro lado, também deve representar um terror imenso ficar sozinho diante destes objetos.

No decorrer da análise, tenho dito de muitas formas diferentes que ele parece buscar uma situação na qual não pode ficar casado, nem consigo mesmo e nem com outra pessoa qualquer. Ali comigo é como se tivesse um analista distante para ele e que não pode ajudá-lo, apenas expô-lo a situações dolorosas. Mas, ao mesmo tempo, algumas vezes, este mesmo analista lhe mostra que existe algo novo, como a vida fluindo, e que pode ajudá-lo a decidir-se a enfrentar ou fugir das situações. Estaria o analista agindo como a parteira de Sócrates? Trazendo à luz a função psicanalítica da personalidade, ao mostrar descritivamente a cesura/turbulência emocional?





Caso 2

M., de 33 anos, advogada e jornalista, com frequência traz para a sessão a descrição de estados mentais em que se sente como que se colocando entre duas alternativas terríveis que equipara com o filme *A Escolha de Sofia*. Todavia, este tipo de experiência emocional não aparece em sua fala nas sessões. Estes estados, que parecem relacionados a situações violentas e muito primitivas, permitem vislumbrar algo do bebê que ela foi. Seus escombros estão presentes em estados mentais descritos como “preguiça, má-vontade, mau humor”. A interação com eles pode produzir sonolência no analista, se perder de vista a cesura aí colocada. Por isto, eu posso conjecturar imaginativamente que, se ela vai para o extremo oposto do sentimento de “terror” da “escolha”, estaríamos diante de uma situação em que ela sente, mas não sofre, este “terror” – e que existem, provavelmente, *transformações em alucinoso* tomando seu tempo objetivo.

A hipótese de uma comunicação (via identificação projetiva) da imagem de uma mãe fisicamente presente, mas emocionalmente ausente, permite também conjecturar se o analista estaria sendo colocado para sentir o que é ter esta mãe. Mas, ao mesmo tempo, permite sentir também o que é ter uma analisanda adulta que se mantém completamente imóvel no divã, que fala de forma arrastada e monótona, quase inaudível e em silêncio por longos períodos de tempo. Como perceber o elemento novo e desconhecido que emerge neste movimento repetitivo?

Sua reação a mínimas mudanças no analista ou no setting parece indicar que essa analisanda está ameaçada por uma *transformação em O* (mas qual seria o sentido “*break-down, break-up, break-through?*”). Assim, tento observar suas reações a tais mudanças.

É fato que, com frequência, ela se comporta como se desconhecesse que o tempo passa. Conseqüentemente não se dá conta de que só pode tirar da análise aquilo que coloca. Algumas vezes isto é mais amplo, pois, se ela não muda, é mais provável que a vida irá mudá-la e sempre para pior.

Numa sessão em que observava a cesura do seu silêncio prolongado, veio-me à mente a imagem da Pietá (posteriormente, dei-me conta que ela tinha falado meses antes sobre a estátua, cuja réplica tenho na estante de meu consultório). Questiono-a quanto à possibilidade de não estar podendo dizer tudo que lhe vem à mente, pois tem uma “escolha de Maria” para fazer (digo intencionalmente Maria – coincidentemente o nome de sua mãe – ao invés de M., nome da paciente). Ela, surpreendida, derrama uma lágrima e conta que ser sincera para com sua mãe sempre foi uma experiência de risco. Na elaboração, foi possível pensar que sinceridade, sentimentos de culpa, castigo e traição de confiança ficaram associados. Um sonho nesta ocasião mos-





Arnaldo Chuster

trou *uma criança querendo falar, mas que desistia e levava um tropeção numa cadeira*. Digo que ela se castiga por não estar podendo ser sincera consigo mesma, mas culpa simultaneamente alguém por isto. Este alguém, dependendo do momento, pode ser ela mesma, o analista (na cadeira) ou outra pessoa qualquer. Ela parece entender ao concordar. Mas o que significa estar de acordo com a interpretação? A *transformação em K* é apenas *tempo referencial*: naquele momento foi dito isto ou aquilo.

Na sessão seguinte, após o fim de semana, conta que desmaiou em casa. Assustada, foi procurar um clínico. Após o longo silêncio habitual, diz, com o também habitual discurso sem emoção, que foi constatada uma pressão arterial elevada e volta ao silêncio. Eu lhe descrevo a situação, ressaltando a ausência do sentimento diante de um fato que, no dia anterior, visivelmente a assustara. Ela então grita com muita raiva e com a voz em tom agudo (geralmente é em tom grave, quase inaudível) que “*se eu não fiquei espantado com o problema da pressão é porque eu devia estar de fato cagando e andando para seu estado...*”. Por um momento observo a surpresa da explosão; como ela é capaz de falar tão alto e não usa esta capacidade – qual a cesura? Ocorre-me que existe em M. uma cisão que poderia expressar-se pelo termo “de-pressão”. Digo que ela insinuava que, se eu fosse sincero, iria confessar que estava fazendo exatamente o que ela afirmava. Se isto pudesse ser a causa de-pressão alta, estávamos falando de uma pressão que uma velha hostilidade contida, sem poder se extravasar, poderia causar... Na sessão seguinte ela traz um sonho em que *segurava nos braços uma criança bem pequena. Alguém dizia que não era dela...* É isto o que podemos chamar de compulsão à repetição, quando ela oscila entre o medo de que a análise tenha sucesso (segurar e responsabilizar-se pelo bebê) e o medo de que fracasse (negar a responsabilidade pelo bebê).

Poderíamos descrever uma temporalidade oscilatória na pressão que desce e sobe rapidamente, característica das *transformações projetivas*, e também um esboço de *transformação em “O”*, em que a linguagem primitiva encontra expressão na experiência emocional: a mudança catastrófica na sessão? □

Referências

- BION, W.R.(1962). *Learning from experience*. London: W.Heinemann.
———. (1963). *Elements of Psychoanalysis*. London: W.Heinemann.
———. (1965). *Transformations: Change from learning to growth*. London: W.Heinemann.
———. (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock.
———. (1975). *The Grid and Caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
———. (1974). *Bion's Brazilian Lectures II*. Rio de Janeiro: Imago.
———. (1979). Making the best of a bad job. In: *Clinical Seminars and Four Papers*. Abingdon: Fleetwood,1987.





- _____. (1997). *Taming Wild Thoughts*. London: Karnac Books.
- BOLLAS, C. (1992). *Forças do destino – psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago.
- CHUSTER, A. (1989). *Um resgate da originalidade: as questões essenciais da psicanálise em W.R. Bion*. Rio de Janeiro: Degrau Cultural.
- _____. (1996). *Diálogos psicanalíticos sobre W.R. Bion*. Rio de Janeiro: Tipo & Grafia.
- _____. (1998). Bion cria de fato uma nova psicanálise? *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. V, nº 3.
- _____. (1999). *W.R. Bion: Novas Leituras – a psicanálise: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos*. Rio de Janeiro: Co. de Freud.
- ETCHEGOYEN, R.H. (1987). *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GROTSTEIN, J. (1984). An Odyssey into the deep and formless infinite; The work of Wilfred Bion In: *Beyond Freud; A study of Moderns Psychoanalytic Theorists*. Hillsdale: Joseph Reppen. NJ: Analytic Press, pp.293-309.
- _____. (1990). Nothingness, meaningless, chaos and “the black hole”. The importance of nothingness, meaningless and chaos in Psychoanalysis. *Contemporary psychoanalysis*, 26(2):257-290.
- FREUD, S. (1914). The History of the psychoanalytic Movement, *S.E.* vol. XIV
- _____. (1923). Inhibitions, Symptoms and Anxiety, *S.E.* vol. XX.
- MATTE-BLANCO, I. (1975). *The Unconscious as infinite sets: an essay in Bi-logic*. London: Duckworth.
- MELTZER, D. (1992). *The Clastrum*. Pertshire: Clunie Press.
- REIK, T. (1935). *Variaciones psicoanalíticas sobre un tema de Mahler*. Madrid: Taurus.

Arnaldo Chuster

Rua Visconde de Pirajá, 547/1010, Ipanema
22410-003 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
E-mail: achuster@ism.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA